



Divulgação
Tiago Barbosa retorna ao país após quatro anos na Europa para interpretar Max Overseas

Inspiração que veio de John Gay e Bertold Brecht

AFFONSO NUNES A “Ópera do Malandro”, escrita por Chico Buarque em 1978 e inicialmente dirigida por Luís Antônio Martinez Corrêa pela recém-fundada produtora Teatro dos 4, nasceu de uma conversa com o cineasta moçambicano Ruy Guerra. A ideia era adaptar para o Brasil duas obras que, à época, já formavam uma linhagem: “A Ópera do Mendigo” (1728), de John Gay, e “A Ópera dos Três Vinténs” (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill.

A cadeia genealógica começa em Londres, quando John Gay estreou sua obra no Lincoln’s Inn Fields Theatre. Tratava-se de uma ballad opera — peça com diálogos falados intercalados por canções populares — que parodiava a ópera italiana importada e, sobretudo, satirizava a política inglesa, com alusões claras ao então primeiro-ministro Robert Walpole. O herói, Macheath, era um bandleiro charmoso, e a obra enchia os palcos com prostitutas, ladrões e informantes, questionando a fronteira entre criminalidade e a sociedade inglesa.

Duzentos anos depois, Brecht e Weill transformaram o material de Gay numa obra nova, com libreto baseado na tradução de Elisabeth Hauptmann. “A Ópera dos Três Vinténs” deslocou a ação

para uma Londres vitoriana e introduziu o aparato do teatro épico brechtiano: distanciamento, canções de comentário, e a crítica marxista à hipocrisia burguesa. Mackie Messer (Mack the Knife) tornou-se símbolo da violência capitalista disfarçada de elegância. A partitura de Weill, com suas referências de cabaré, dizia tanto quanto o texto de Brecht.

Chico Buarque, por sua vez, leva sua dramaturgia para o Rio de Janeiro da década de 1940, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas e a Segunda Guerra Mundial. O bandleirismo inglês agora é malandragem carioca; a ópera parodiada virou samba, bolero, marchinha... e a crítica à burguesia europeia assume ares de denúncia ao capitalismo burocrático brasileiro e sua modernização entreguista. “O nosso trabalho tem a estrutura da peça de Gay, o enfoque crítico de Brecht, mas é essencialmente brasileiro”, disse Chico à época.

A ressignificação é profunda. O casamento que em Gay e Brecht selava a aliança entre crime e polícia torna-se, em Chico, a formalização do contrabando pelo Estado Novo — o casamento de Teresinha com Max Overseas. A figura de Geni, a travesti que “só serve para apanhar”, é criação original, sem equivalente direto nas obras anteriores.

O musical usava o passado varguista como espelho da ditadura militar dos anos 1970 — ardil que permitiu a Chico driblar a censura. Quase cinquenta anos depois, a “Ópera do Malandro” segue com sua crítica radical aos valores (ou falta de) da sociedade brasileira.



Adriano Doria
A atriz trans Valéria Barcellos vive Geni em uma interpretação histórica

“O universo marginalizado mudou. Se antes o samba ocupava esse espaço, hoje existem outras manifestações culturais. Eu queria provocar essa reflexão sem abandonar a essência da obra”

JORGE FARJALLA



Adriano Doria
Musical fará curta temporada no Teatro Multiplan, somente até dia 30 de agosto, com sessões de quinta a domingo

A preparação para o papel foi uma imersão que ultrapassou o texto original. Valéria buscou compreender as diferentes camadas da personagem, mergulhando nas referências que deram origem à obra de Chico Buarque. Mais do que reproduzir uma imagem já conhecida pelo público, a atriz quis construir uma Geni humana, com suas contradições e fragilidades. “Eu consigo dizer o que ela signifi-

ca na minha vida. É uma mudança completamente imensa, de direcionamento de carreira, de coisas. Eu quero trazer uma humanidade para Geni. Uma Geni mais humana, mais próxima das pessoas”, explica.

Na visão de Valéria, a força da personagem está justamente na mistura de opostos. Geni é forte e vulnerável, decidida e insegura, alguém que carrega marcas de uma sociedade que muitas vezes rejeita

aquilo que depois precisa para sobreviver.

A atriz também destaca a relação entre personagem e experiência pessoal. Para ela, o processo não está apenas em se aproximar de Geni, mas também em conseguir se afastar dela para enxergar novas possibilidades. “É muito doido pensar que eu sou um pouco dela e tenho coisas dela, mas não tenho ao mesmo tempo. Eu coloquei um pouco da

minha vivência em tudo isso.”

Ao lado de Valéria está Tiago Barbosa, que retorna ao Brasil após quatro anos trabalhando na Europa para interpretar Max, papel que divide com José Loreto. Carioca, o ator celebra a oportunidade de voltar à cidade natal justamente com uma obra profundamente ligada à identidade do Rio. “É uma delícia voltar ao Brasil para fazer uma obra brasileira. Depois de tantos

anos fazendo grandes clássicos de fora, voltar para o meu país, para a minha cidade, fazendo uma obra como essa, é um grande privilégio”, afirma.

Para Tiago, “Ópera do Malandro” possui uma conexão especial com o Rio de Janeiro. A história, ambientada em uma atmosfera de boemia, contravenção e música popular, carrega elementos que remetem diretamente à cidade, especialmente à região da Lapa e às manifestações culturais que formam a identidade carioca. “Acho que a Ópera do Malandro é muito Rio de Janeiro. Ela tem essa cara da Lapa, essa cara da comunidade, essa cara do povo brasileiro”, diz.

Na construção de Max, o ator destaca a possibilidade de apresentar um personagem cheio de nuances. Apesar de ser um contraventor, Max não representa apenas a figura tradicional do malandro. Ele conquista pela inteligência, pela palavra e pela capacidade de transitar entre diferentes mundos.

Tiago também ressalta a liberdade criativa da montagem dirigida por Farjalla, que mantém o espetáculo em constante movimento. “Se ele tem alguma coisa que quer modificar, ele vai mudar até o último dia de apresentação. É um olhar que está em movimento.”

Para o ator, o público encontrará uma obra divertida, mas também carregada de significado. “É um show leve, mas muito político. É importante. Coloca a mulher em um lugar muito bonito, é inclusivo, tem diferentes corpos e uma galera com muito talento”, comenta.